

Laelias Brasileiras - Noções, espécies e cultivo - 4

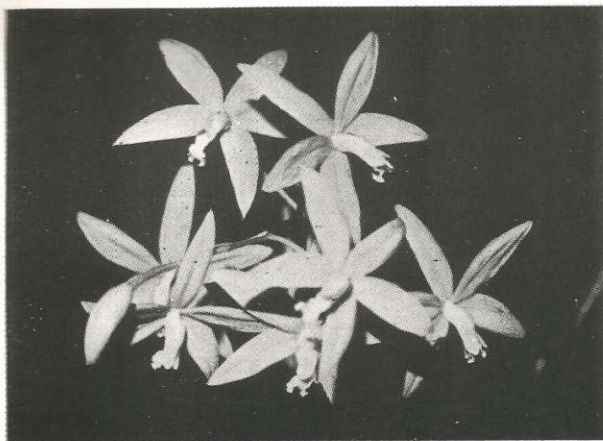
FRANCISCO MIRANDA¹

O quarto número desta série é uma introdução sobre a mais numerosa secção do gênero Laelia, a saber, secção Parviflorae (ou Cyrtolaelia). Esta introdução é interessante ser feita antes da abordagem das espécies da secção, para comentar sobre seus pontos em comum, tanto em aspectos morfológicos como modo de vida.

As espécies da secção Parviflorae são conhecidas vulgarmente pelos orquidófilos como Laelias rupícolas, devido ao seu modo de vida, geralmente sobre lajes de pedra ou em fendas nas mesmas. Entretanto, nem todas as espécies são realmente rupícolas, vivendo sobre árvores, como mais tarde será mencionado.

Basicamente, as Laelia da secção Parviflorae tem morfologia muito constante. As raízes são filiformes, pouco espessas. O rizoma é sempre muito curto, de modo que os brotos sempre estão bem agrupados, formando touceiras compactas. Os pseudobulbos são geralmente cilíndricos às vezes um tanto cônicos e, em espécies ou indivíduos que vivem sob insolação forte, quase ou mesmo redondos. Estes pseudobulbos são encimados por uma única folha ereta ou em algumas espécies ligeiramente recurvada para fora, fortemente carnosa e acanoadas. Em casos de muita insolação, podem ser quase redondas. Em casos de anomalia, podem aparecer duas folhas no topo dos pseudobulbos, geralmente quando as plantas estão vivendo sob luminosidade insuficiente. As inflorescências podem ser curtas, mais baixas do que as folhas, até muito altas, em algumas espécies com até 1 metro de altura, e são produzidas protegidas por espata sempre bem nítida. As inflorescências são roliças, com anéis e brácteas apressas em sua extensão e as flores são mais ou menos agrupadas na porção terminal. Em algumas espécies, as flores se abrem sucessivamente, mas na maior parte delas abrem-se simultaneamente. As flores são em forma de estrela, com pétalas e sépalas iguais ou muito semelhantes, e labelo pequeno, com bordos franjados. O colorido das flores pode ser amarelo, alaranjado, vermelho, róseo e branco, e os coloridos são úteis para formarmos grupos de espécies, como mais à frente será discutido. Mais algumas características podem ser mencionadas. É caráter de utilidade taxonômica dentro dos grupos o número de cristas no interior do labelo, que pode ser 2 ou 4. Algumas espécies se caracterizam ainda por uma coloração arroxeada tanto nos pseudobulbos quanto nas folhas e algumas espécies podem mesmo mostrar plantas com e sem esta coloração. É importante mencionar que estes tons arroxeados não são indicadores que a espécie deva ser cultivada sob mais ou menos insolação, pois L. flava apresenta esta coloração e é espécie que deve ser cultivada mais à sombra que L. crispilabia, que entretanto apresenta pseudobulbos e folhas completamente verdes.

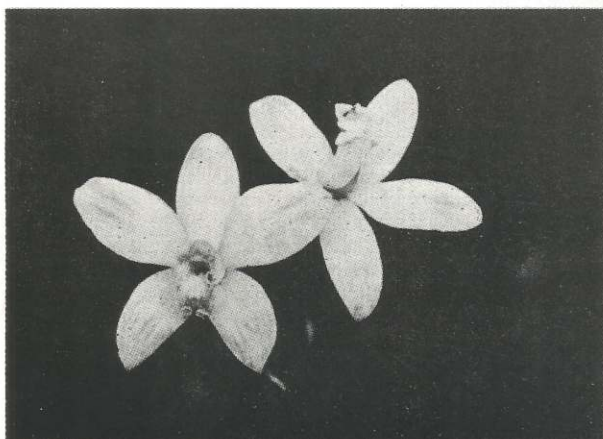
¹ Av. Edison Passos, 4490, Alto da Boa Vista 20531, Rio de Janeiro.



Laelia kautskyi

Após esta breve introdução sobre a morfologia das plantas , algo mais deve ser comentado sobre seu modo de vida. Estas plantas podem ser encontradas em lajeados de pedra nas altas serras dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Bahia. Vivem em geral associadas a pequenas moitas de Vellozia e pequenas bromélias, ou mesmo apenas com uma proteção de líquens. Algumas espécies, como L. crispilabia, vivem quase que diretamente expostas ao sol, enquanto outras, como L. cinnabarina, L. flava e L. angereri são o extremo oposto, vege-

Laelia ghyllanyi



tando entre pequenos arbustos. Em Minas Gerais, muitas espécies são encontradas em serras onde a rocha é quase que minério de ferro puro, enquanto que nas outras regiões as rochas são quase sempre cristalinas, como na região de Diamantina, MG. Essas variações de tipo de rocha influenciam em maior ou menor grau a distribuição local das espécies, e com isso temos que a maior parte das espécies é endêmica, às vezes ocorrendo em uma única e específica serra, e não em outra a poucas dezenas de Km de distância. Outras espécies, entretanto, tem uma distribuição mais ampla, chegando, como no caso da L. crispilabia a viver sobre rochas de minério e rochas cristalinas, apesar que em restrita região de algumas dezenas de Km de extensão, próxima a Belo Horizonte, MG.

Com o exposto, podemos deduzir que as plantas gostam de muita luminosidade, mesmo sol direto, às vezes. Entretanto, alguns aspectos devem sempre estar em mente. Nestas regiões, a ventilação é muito boa, na maior parte dos casos há mesmo brisa ou vento constante, o que mantém a temperatura das plantas baixas. Também deve ser lembrado que, apesar da umidade diurna baixar muito durante o dia, quase todas as tardes há neblina nestas áreas, o que faz com que a umidade noturna seja muito alta. Deve ser entendido, então, que as plantas estão adaptadas a uma baixa umidade por tempo limitado, o que em cultivo deve ser traduzido por boa drenagem do substrato e regas frequentes. Apesar de muitas espécies serem endêmicas, isso não quer dizer que sejam difíceis de cultivar ou que requeiram condições muito especiais. Estas plantas são, com poucas exceções, extremamente fáceis de cultivar e florir, mesmo em áreas muito mais quentes que seu habitat natural.

E comentando sobre exceções, não podemos esquecer as espécies desta secção que não são rupícolas. Estas são apenas 3 ou 4, dependendo do ponto de vista taxonômico. Vivem no interior de matas no Espírito Santo e Bahia e são: L. harpophylla, L. kautskyana e L. brevicaulis. Estas três espécies são muito semelhantes vegetativamente, e são algo diferentes das espécies rupícolas. Estas diferenças são nos pseudobulbos, aqui cilíndricos e esguios, mais semelhantes aos de uma Brassavola, e nas folhas menos carnosas e acanoadas, mas as flores não deixam dúvida a que grupo pertencem. São estas rigorosamente como as das outras espécies do grupo, apresentando-se alaranjadas e avermelhadas.

Em termos de grupamento destas espécies, para facilitar seu estudo, usa-se agrupar dois grupos, o primeiro incluindo as espécies de flores roxas ou róseas, e o segundo grupo com as de flores amarelas, alaranjadas e vermelhas. Para facilitar ainda mais a análise das espécies, este segundo grupo será aqui subdividido em dois, o primeiro incluindo as de flores amarelas, e o segundo com as espécies de flores alaranjadas e vermelhas. No próximo número da série, serão tratadas as espécies de flores roxas ou róseas.